

CARVALHO, Jáder de. *Delírio da solidão*. Fortaleza, Editora Terra de Sol, 1980, 123 p.

OTACÍLIO COLARES *

A personalidade e a obra do escritor Jáder de Carvalho estão inteiramente, e de forma inelutável, vinculadas ao que poderíamos denominar — surto de reformulação literária do Ceará, em consonância com movimento idêntico que, em termos muito mais amplos, é óbvio, registrou-se no Brasil, na transição que chamaríamos pós-simbolista e que prepararia o advento meio espalhafatoso do que se convencionou chamar — Modernismo. Ou seja, a assoada inteligente mas nem sempre muito justa da Semana de Arte Moderna.

Deve o poeta ser considerado, cronológica e mentalmente, um precursor dos novos caminhos, se atentamos para que já tomava atitudes ousadas, no campo da literatura propriamente dita, bem assim no da Sociologia, área na qual bem moço se fez mestre. Isso quando, no Ceará, como no Rio e S. Paulo, o beletismo convencional era o que imperava, salvo honrosas exceções.

Nascido no sertão cearense do Quixadá, em 1903, ** embora cedo erradicado de seu chão nativo para fixação na capital cearense, o melhor e mais significativo de sua lírica de juventude qualifica-se e excede pelo alto e forte sentido telúrico, embora seus versos dados a publicação num livro-antologia de 1922 mais não traíssem nele que o simbolista já desarrimado da rima e da métrica. ***

* Professor de Literatura Brasileira da U.F.C.

** O ano de 1903 está como o do nascimento do escritor, na minibiografia que lhe acompanha o nome e antecede a matéria de colaboração numa antologia organizada por jovens escritores de avançadas idéias e comportamentos estéticos de reação ao meio literário de 1922. Já o professor Sânzio de Azevedo, em seu livro *Literatura cearense* (1976), dá o ano de 1901 como o do nascimento do poeta.

*** *Os novos do Ceará no primeiro centenário da independência do Brasil*. Tip. Comercial, Fortaleza, 1922, 100 p.

O que preponderou como representativo de seu *pathos* poético foram os poemas de seu segundo livro (o primeiro, "O canto novo da raça", em parceria com Franklin Nascimento, Sidney Neto e Mozart Firmeza) "Terra de ninguém" (1931). Aí, todo um forte sentimento nativista-regionalista se derrama em uma arte vérsica inumerável e ressonante, ao mesmo tempo que profunda. À guisa de exemplo, estes versos do poema "Terra bárbara": *Na minha terra, / as estradas são tortuosas e tristes / como o destino do seu povo errante. / Viajor, / se ardes em sede, se acaso a noite te alcançou, / bate sem susto no primeiro pouso: / terás água fresca para a tua sede, / rede cheirosa e branca para o teu sono.*

Para concluir: *Filho da gleba, / fruto em sazão ao sol dos trópicos / eu sou o índice do meu povo: / se o homem é bom — eu o respeito. / Se gosta de mim — morro por ele. / Se, porque é forte, entendesse de humilhar-me, / — ai sertão! / eu viveria o teu drama selvagem, / eu te acordaria ao tropel do meu cavalo errante, / como antes te acordava ao choro da viola...*

Agora, volvidos muitos e muitos anos, que foram, a par dos da atividade do poeta, os do jornalista militante, do sociólogo e professor, do líder de ação doutrinária e política, todo um complexo vivencial e criativo projetado sobre a problemática coletiva, advém-nos um Jáder de Carvalho — indivíduo, amargurado em solidão, em poemas que perfazem um volume de mais de 120 páginas.

Poesia pungente, que diz: *Gosto da insônia. / O poeta de alma e ouvidos insones, / escuta, entende ou canta / a treva que espera o sol com paciência.*

Mas, mesmo na intimidade do homem bem vivido e sofrido, ainda assim, em Jáder de Carvalho, reponta, aqui e ali, de permeio ao intimismo despertado pela solidão, que é a temática central, o chão da infância, eco indisfarçável da eterna e grande força lúdico-ecológica que, há tempos, o arguto Sérgio Milliet, ao ler-lhe os primeiros poemas, tanto elogiou, sentindo que ela "se desdobra num sincopado com algo de batuque". Daí, ainda recentemente, neste mais próximo livro, as reminiscências: *Às vezes, / o balido do carneiro da infância / muda-se numa gota d'água / e corre, como a ovelha nas fazendas, / pelo sertão cansado do nosso rosto...*

Ou, mais definido, como uma constante de mocidade, ainda perdurante no homem dos dias correntes: *Querem tomar-me a terra: ergo o tacape. / Vêm assaltar-me a floresta: solto a flecha no ar. / Avançam contra a minha taba; ponho o ouvido no chão.*

CAVALCANTE, Joyce. *Costela de Eva*. Global Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo, 1980, 140 páginas, Cr\$ 200,00.

_____. *Livre & Objeto*. Massao Ohno Editor. São Paulo, 1980, 40 páginas. Ilustrações: fotografias do Templo dos Prazeres, Índia. Cr\$ 600,00.

CARLOS D'ALGE

O movimento feminista, como poucos sabem, surgiu no século XVIII, exatamente em 1792, por obra e graça de Mary Wollstonecraft, autora do *Rights of Women*. (Direitos das Mulheres), que possibilitou às militantes, anos mais tarde, o direito de votarem e serem votadas, bem como a ascensão do grande contingente feminino aos cargos civis e ou políticos.

Confunde-se muito o feminismo. Algumas confusões são deliberadamente arquitetadas e difundidas, com a finalidade de emprestar ao movimento um certo ar de achincalhe. Há quem ache que ser feminista é ser apenas sexualmente liberada. Essa definição interessa, sobremaneira, a um determinado tipo de comportamento latino-americano, que, por vezes, tem se identificado, com outros tipos de boçalidade nativa, quase sempre oculta sob um ar de desdém pelas coisas intelectuais. Aliás, o culto da brutalidade é outra característica do machismo provinciano que tem procurado detectar, em algumas figuras guindadas ao poder, os seus aspectos mais durões. Não é em vão que o machismo também tem se identificado com outros tipos de autoritarismo, especialmente os de cariz nazifascista.

No III Reich, o ministro da propaganda de Hitler, Goebbels, decretou que a mulher era o grande capital do nacional-socialismo. Qualquer dano praticado contra ela seria julgado como crime de alta traição, e punido com a mesma penalidade dispensada aos crimes de corrupção e subversão. A mulher alemã antes de perder os filhos na guerra, tinha os seus advogados do diabo nos eugenistas de uniforme e nos estrategas do program, como bem observou o escritor português José Cardoso Pires, na *Cartilha do Marialva*. O mito da mulher dos "três K", de orientação política e imperialista, está há muito comprometido. A mulher destinada a ter filhos (KINDER), a ir à igreja (KIRCHE) e a permanecer na cozinha (KÜCHE), foi substituída pela nova mulher, capaz de competir com o homem em todos os setores da vida contemporânea.

Outro equívoco é o de ver no feminismo um movimento apenas contestário, ou, como se disse há pouco, uma minoria

que aspira somente à libertação sexual. O conceito clássico do movimento vem do século XVIII, graças ao iluminismo, e se reduz à defesa dos direitos civis e políticos das mulheres. O conceito mais moderno, que se liga às investigações de Margaret Mead, alarga a perspectiva da emancipação feminina. Exemplo de um equívoco recente: a narrativa memorialista da senhora Laurita Mourão, que se tornou sucesso de livraria. O livro não tem nada de feminista, é apenas um depoimento feminino, com algumas virtudes e orgasmos em demasia.

Estas considerações vêm a propósito da publicação dos últimos livros de Joyce Cavalcante: *Costela de Eva*, romance lançado pela Global Editora, São Paulo, e *Livre & Objeto*, poemas em prosa, fragmentos de uma viagem em descoberta do sexo, editados por Massao Ohno, São Paulo, em belo volume, ilustrado com fotografias do interior do Templo dos Prazeres, na Índia.

Joyce Cavalcante integra-se na literatura feminista de língua portuguesa, que teve o seu início em 1752, com a primeira edição das *Aventuras de Diófnanes*, de Teresa Margarida da Silva e Orta, nascida em São Paulo, em 1711 ou 12, e falecida em Portugal, em 1793. *Aventuras de Diófnanes* não é só o primeiro romance escrito em língua portuguesa, é também o primeiro romance feminista português. Teresa Margarida, influenciada pelo espírito crítico e científico do iluminismo, pagou caro com a sua audácia: foi expulsa da família, deserdada, e acabou prisioneira do Marquês de Pombal. No seu romance Teresa Margarida condena o luxo e a ostentação, liquida com os aduladores e mexeriqueiros, incentiva a mecanização da agricultura e o desenvolvimento da indústria. Ah! aconselha também ao Rei servir ao bem comum, isto é, ao povo, e submeter-se sempre às leis.

Na literatura feminista cearense há alguns nomes que convém lembrar: os de Emília Freitas, cujo romance *A Rainha do Ignoto*, de 1899, foi recentemente reeditado pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, graças às diligências de Otacílio Colares, e Francisca Clotilde, autora de *A Divorciada*, de 1902. Rachel de Queirós inicia o romance social e memorialista. Sandra Lacerda, Stela Nascimento, Angélica Coelho, Carminha Clark Nunes, seguem uma linha tradicionalista. Yolanda Gadelha Theophilo e Maria Hilma Gouveia Xavier de Oliveira rompem um pouco com a estrutura da narrativa linear e anunciam algumas renovações formais. Na linha do romance de Emília Freitas e Francisca Clotilde estão Heloneida Studart e Joyce Cavalcante.

Joyce havia escrito seu primeiro romance, *De Dentro para Fora*, em 1975, publicando-o em 1978. Cinco anos passados, mudou a vida da autora e muda também o seu texto, embora a sua proposta inicial permaneça a mesma. Alguns contos premiados

e publicados, nesse intervalo, e agora um novo romance, *Costela de Eva*, cujo título já é uma novidade.

Os textos de Joyce falam, como escreve a autora no pré-título do seu primeiro romance, sobre: "Um mundo restrito (...) como todos os outros rolando sobre as esferas da incoerência, das pressões e dos preconceitos." No primeiro texto, *De Dentro para Fora*, sem dúvida mais inovador, em termos de estrutura, que *Costela de Eva*, Joyce compõe um diálogo entre as frustrações, incoerências e preconceitos que rondam o par amoroso, vistos, em separado, pelos parceiros. Uma fantasia é proposta como possível variante para que, como num compasso sinfônico, anuncie o final: a realidade tragicamente comezinha.

Já na segunda narrativa, *Costela de Eva*, se as inovações formais estão mais reduzidas, ganha espaço o texto, mais denso e intuitivo. A história poderia ser banal se fosse tratada convencionalmente. Conta-nos Joyce a aventura de uma mulher saída da província, onde vive submetida às pressões de um meio mesquinho e busca a sua afirmação na cidade grande. Na verdade, Úrsula, a personagem, vive na província uma existência igual à de milhares de jovens, da classe média, cuja ambição máxima dos pais é um casamento com um marido capaz de abrir uma conta bancária para a sua noiva e presenteá-la com o carro do ano. A propósito de um concurso de beleza, Úrsula acaba cedendo às exigências do colunista social que promove o evento, embora recuse qualquer aliança definitiva, a contragosto dos pais.

Betty Friedman, em *The Feminine Mystique*, denunciou esses fantásticos certames promovidos pela indústria cultural norte-americana, além de outras aberrações, como a elefantíase mamária nas revistas de quadrinhos, no cinema e TV, o lançamento de "soutiens" e seios postiços para crianças de dez anos de idade e a glorificação do estilo "housewife", réplica ianque da mulher dos três K, da Alemanha fascista.

É a partir do título do romance que Joyce Cavalcante dá sentido à sua proposta: a denúncia sobre a situação em que se encontram incontáveis mulheres. Dividindo a sua narrativa em duas partes: "A Extração da Costela" e "O Laboratório", Joyce arma a sua trajetória de Úrsula que, na megalópole, tem a necessidade íntima de compor um personagem, Lucas, com quem converse, analise e divida a sua existência. Lucas é a costela que se retira de Úrsula, o seu confidente e parceiro. Se em *De Dentro para Fora* Lucas se anuncia no fim da narrativa, através do falo que emerge da personagem feminina morta em acidente, em *Costela de Eva*, ele se torna transparente, se dis-

solve e desaparece, deixando a companheira entregue às incoerências, submissões e violências urbanas.

Como bem notou Heloneida Studart, autora do prefácio de *Costela de Eva*, com Úrsula sucede o mesmo tratamento destinado a centenas de milhares de mulheres neste país. A educação que se lhes dá é quase sempre promovida em torno do corpo: menstruação, beleza, repressão sexual. Úrsula, como ocorre com freqüência, já é um desapontamento ao nascer, quando, a maioria dos casais, almeja, secretamente, pela vinda de um homem, isto é, do varão, do macho. Num país cuja visão, neste tocante, ainda permanece provinciana, como evitar que haja, a exemplo do que sucedeu em Minas Gerais, um uxoricídio em massa?

Não houve muita mudança, desde que Margaret Mead, em 1949, denunciou em *Male and Female, a study of sexes in a changing world*, a identificação da mulher com a propriedade econômica. Como se lê naquele texto: "se as mulheres discutem, os espíritos machos entram em cólera; se pecam seja com quem for, os espíritos vingam-se. Mas os homens podem pecar livremente fora da aldeia, com mulheres que não pertençam à tribo."

Assim, as narrativas de Joyce Cavalcante são um instrumento de auxílio que vem em socorro de centenas de milhares de mulheres que, no seu silêncio e na sua angústia, pedem por compreensão, dignidade e respeito. E a dizer-lhes, também, que o jogo do amor não é aquele jogo de pecado e punição. Ele é tão libertador como o orvalho que a cada manhã renova a terra e apazigua a sua sede.

AIRES, Matias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens e Carta sobre a fortuna*. Prefácios, fixação do texto e notas de Jacinto do Prado Coelho e Violeta Crespo Figueiredo. Lisboa, Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 212 p., 1980.

CARLOS D'ALGE

Uma das mais conhecidas obras da literatura portuguesa do século XVIII, as "Reflexões sobre a vaidade dos homens", aparece, agora, em nova edição preparada pelos professores Jacinto do Prado Coelho e Violeta Crespo Figueiredo. Editada em fins de 1980 pela Imprensa Nacional e Casa da Moeda de Lisboa, para a Biblioteca de Autores Portugueses, recebeu o

apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Rádio Televisão Portuguesa.

A nova edição das "Reflexões" de Matias Aires vem enriquecida com a sua não menos famosa "Carta sobre a fortuna". Matias Aires nasceu em São Paulo, em 1705, mas desde menino passou a viver em Portugal, onde faleceu em 1763. Das obras que escreveu, sobreviveram-lhe as "Reflexões sobre a vaidade dos homens", a "Carta sobre a fortuna" e o "Problema de Arquitetura Civil", edição póstuma de 1770. Outros escritos, como as "Lettres Bohémiennes", o "Discours Panégyrique sur la vie et action de Joseph Ramos da Silva", a "Philosophia Rationalis" e a "Physicae subterraneae", não chegaram até nós, tendo desaparecido irremediavelmente.

Matias Aires é um inconformista e como outros poucos nomes do setecentismo um espírito progressista aberto às descobertas do homem e da ciência. As "Reflexões" são publicadas em 1752, ano memorável para as letras portuguesas. Com efeito, nesse ano a gente letrada lia com avidez o "Verdadeiro método de estudar", de Luís Antônio Verney, obra renovadora e reformista, e discutia a obra do oratoriano Teodoro de Almeida, a "Recreação Filosófica". As "Reflexões" conseguem vencer as barreiras da censura inquisitorial. Mesmo assim, Matias Aires confessa-se cansado e diz que não mais escreverá em português, preferindo empregar uma língua estrangeira, a fim de sua prosa "frutificar melhor e ter abrigo". Mas, quem era Matias Aires?

"O mais taciturno dos nossos escritores setecentistas", escreve Violeta Crespo Figueiredo; "Um inadaptado, um estrangeirado que dificilmente se conforma", acrescenta Jacinto do Prado Coelho, nos prefácios a esta nova edição. Matias Aires não é somente um inadaptado, um taciturno moralista, um estrangeirado que recrimina a mediocridade do meio em que vive. Na verdade, o escritor se coloca na vanguarda ideológica do seu tempo. É sempre assim, ou se caminha na vanguarda, ou se permanece na retaguarda.

Único filho varão de pai rico, o comerciante José Ramos da Silva, estabelecido na praça de São Paulo, Matias Aires segue com o pai aos 11 anos para Lisboa, onde vai freqüentar as aulas no Colégio de Santo Antão. José Ramos da Silva é nomeado, graças à sua fortuna, para o cobiçado cargo de provedor da Casa da Moeda. Enquanto isso, Matias Aires vai estudar em Coimbra, onde recebe o grau de Bacharel em Artes. A duras penas, por mercê do prestígio paterno, consegue o hábito de Cristo, tradicional honraria outorgada pelo rei à aristocracia fi-

dalga. Viaja depois para a França onde obtém a graduação em Direito Civil e Canônico.

Com a morte do pai herda os seus bens e o cargo de provedor da Casa da Moeda. Nesta situação fica até 1761, quando é obrigado a renunciar, face ao processo que a corte lhe move por ter distribuído favores a terceiros. Aluga então o seu palácio e vai viver numa casa mais simples. Isolado da sociedade, veste uma roupa parda, não recebe ninguém e não quer saber do mundo. A um amigo que lhe fala da sua má sorte dedica a sua "Carta sobre a fortuna". Em janeiro de 1763 faz o seu testamento, vindo a falecer em dezembro vítima de um ataque de apoplexia.

As "Reflexões" resultam de um intenso sentimento de frustração. Examinando as relações do ser humano com o seu semelhante, com o poder, o amor e a vaidade, Matias Aires acaba por retratar o homem na sua verdade essencial. Como escreve Prado Coelho: "O homem no seu contexto: o homem, ser inconstante, diverso, injusto, correndo de desejo em desejo, de desengano em desengano, imerso numa sociedade onde resoam milhentas vozes díspares."

Para Matias Aires o mundo não passa de um teatro. A sociedade é "um concerto de infinitas vozes e de infinita diversidade". O homem é vário, fugaz e volúvel, assim como tudo que o rodeia. A visão do mundo, no moralista, já é barroca e mesmo pré-romântica. A fluidez da vida é comparada à do rio que corre incessantemente. O teatro é a própria representação da existência, onde todos são atores. Nota o professor Prado Coelho que "tanto em Pascal como em Matias Aires aflora a angústia do homem moderno, um sentimento do absurdo e do logro".

O moralista vê o amor como sortilégio e armadilha. Embora distinga o amor platônico do amor medíocre ou vulgar, detém as suas reflexões sobre o que chama de "amor ordinário", que descreve como um autêntico conhecedor. Interessa-lhe mais a paixão que tem "um fim corporal". Para o moderno Matias Aires o amor já acontecia e nada tinha a ver com as humanas decisões. Nem sequer se explicaria pois a atração não é escolha nossa: ela nos invade, vence-nos e comanda os nossos passos. Distingue ainda o amor-paixão do amor-moderado. Reconhece que só este pode durar, mas interroga: será este o verdadeiro amor?

A mediocridade também é estigmatizada por Matias Aires. Diz o escritor que "o homem de uma medíocre vaidade (entenda-se a vaidade como amor-próprio) é incapaz de premeditar empresas, nem de formar projetos: tudo nele é sem calor, a sua mesma vida é uma espécie de letargo: tudo o que procura é com passos vagarosos, cobardes e descuidados; porque a

vaidade é em nós como um espírito dobrado, que nos anima; por isso o homem, em que a vaidade não domina é tímido, e sempre cercado de dúvida, e de receio, a vaidade logo traz consigo o desembaraço, a confiança, o arrojo e a certeza”.

Leitura ainda atual, pelo estilo vivo, as “Reflexões sobre a vaidade dos homens” constituem uma espécie de ponto-de-partida para a estruturação de obras modernas, como a monumental análise de Proust, na recriação dos seus passos perdidos em torno de uma sociedade decadente e que está prestes a sofrer profunda transformação.

Como nos dias de hoje.

DÍDIMO, Horácio. *O passarinho carrancudo*. Imprensa Universitária da U.F.C. Fortaleza, 1980.

Horácio Dídimio, poeta de verso mitigado e de palavra simples e pura, de mensagem impregnada do amor das coisas singelas e aparentemente sem importância, tem-se dedicado de modo especial e proveitoso à literatura infantil. Em função disso, coordenou, recentemente, na Fortaleza, como parte do Jubileu de Prata da Universidade Federal do Ceará, o I Seminário de Literatura Infantil, pormenor bem sucedido do Fórum Universitário de Educação, Ciência e Cultura.

É ele um desses poetas que encaram a vocação natural como algo que merece estudado e praticado sob fórmulas, por assim dizer, programáticas, visando ao aprimoramento da expressão em termos da palavra essencial. Isto ficou demonstrado, desde seu livro de estréia — *Tempo de chuva* (1967), prosseguindo como tal no outro livro de poemas — *Tijolo de barro* (1968), *O chão dos astronautas*, pictopoema (1969), *Pai-nosso* (1976), *A palavra e a Palavra e Exercícios de admiração*, estes dois últimos, já do ano corrente.

O passarinho carrancudo, em suas quarenta minipáginas, oferece-nos pouco mais de três dezenas de sucintos poemas, quase — diríamos — de feição oriental, impregnados de conceitos à base das coisas longamente observadas e meditadas. Exemplo, estes quatro versos de abertura da coletânea: *a asa é azul / verde é verde / o tempo é cinza é cinza é cinza / suave é o amor*.

Nada de verbalismos nos versos em que a retórica jamais foi preocupação.

O segundo poemeto é, vamos dizer, a "Profissão-de-fé" do poeta cearense no anti-molde bilaquiano: *o violino diz que sim / o violão diz que não / e o poeta faz dó / ré mi fa / sol la si / com as suas palavrinhas.*

Na aparente inocência, quase diríamos — ingenuidade dos versos, Dídimo denota as fundas preocupações do mundo e do homem hodiernos, como está implícito nos versos de "a galinha e o grão": *de grão em grão / a galinha controla / sua dieta // de grão em grão / (involuntariamente) / a galinha prepara / nossa refeição.*

É de leitura aliciante. Ao mesmo tempo, um convite implícito aos fundos pensamentos este *O passarinho carrancudo* do poeta Horácio Dídimo, cujas páginas, ao alto, à direita, trazem desenhada uma pequena ave em vôo. Aqui, de asas plenamente abertas, ali de asas flexionadas. Por um artifício criativo do artista G. Jesuino, passadas as páginas rapidamente, dão exata idéia de que ela está a voar, ou seja, em movimento. Uma válida contribuição do poeta à problemática do poema-estudo.